

2010  missionários da **Consolata.pt**  
Calendário meditado



Pe. Ramón Cazallas



combater a pobreza  
e a exclusão social

## Índice

Janeiro	4
Fevereiro	6
Março	9
Abril	11
Maio	13
Junho	15
Julho	17
Agosto	19
Setembro	21
Outubro	23
Novembro	26
Dezembro	28

## 2010 ANO EUROPEU DE LUTA CONTRA A POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL

(Calendário 2010 meditado)

### “Eu vim para que todos tenham vida”

Reconstrói a tua vida em comunhão com teu senhor;  
Reconstrói a tua vida em comunhão com teu irmão:  
Onde está o teu irmão, eu estou presente nele.

“Eu passei fazendo o bem, eu curei todos os males”  
(mc 7,37);

Hoje és minha presença junto a todo sofredor:  
Onde sofre o teu irmão, eu estou sofrendo nele.

“Entreguei a minha vida pela salvação de todos»  
(jo 10,18);

Reconstrói, protege a vida de indefesos e inocentes:  
Onde morre o teu irmão, eu estou morrendo nele.

### Introdução

O presente subsídio é um comentário à frase que aparece a cada mês no Calendário 2010. Ilumina o grande objetivo de “Combater a pobreza e a exclusão social” que é o primeiro dos oito Objectivos do Milénio estabelecidos pelas Nações Unidas e que deveriam ser concretizados até 2015, mas pouco se fez ainda.

Não se pretende esgotar o tema. Para isso seriam precisos muitos livros. É simplesmente uma iluminação a partir da fé cristã e missionária.

Encontrarão citações bíblicas e dos Santos Padres que testemunham a fé e o agir da Igreja desde tempos antigos, ainda mais, desde os tempos de Jesus.

O ideal seria que todos os meses a página correspondente pudesse ser lida em grupo de comunidades pastorais, movimentos ou vizinhos da mesma rua para reflectir sobre o tema e ver como certas situações se dão nos nossos ambientes e quais as soluções que podemos propor para melhorar e avançar nestes problemas que, às vezes, estão perto de nós.

## Em Portugal há dois milhões de pobres.

A pobreza em Portugal não pára de crescer. Pensávamos que em Portugal não tínhamos pobres. Cria-se que fazendo parte da comunidade europeia íamos ser mais ricos e nunca mais teríamos pobres. Mas a realidade não é essa. Os números são sempre frios mas quando esses números se referem à pobreza e á fome então fazemos arrepiar.

A população residente em situação de risco de pobreza mantinha-se o ano passado nos 18 por cento. “O impacto das transferências sociais (excluindo pensões) na redução da taxa de risco de pobreza foi de aproximadamente seis pontos percentuais. Se considerássemos apenas os rendimentos do trabalho, de capital e transferências privadas, o “41 por cento da população residente em Portugal estaria em risco de pobreza”.

“Os portugueses continuam a empobrecer”. A conclusão é da Assistência Médica Internacional de acordo com dados recolhidos no primeiro semestre do ano. Assistência Médica Internacional (AMI) que há uma nítida tendência para um crescente número de casos de pobreza e que a grande maioria das pessoas que pede auxílio encontra-se em plena idade activa, entre os 21 e os 59 anos de idade. A maioria da população que recorreu aos centros ‘Porta Amiga’ encontra-se em situação de desemprego (80%), tendo como principais recursos os subsídios e apoios institucionais e o apoio de familiares ou amigos.

“Há fome em Portugal”

O arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga, denunciou há poucos dias que “há fome” em Portugal, “mesmo que dis-

## A vida seja vivida verdadeiramente

Crescer na consciência da excelsa dignidade da pessoa humana, da sua superioridade sobre as coisas e dos seus direitos e deveres universais e invioláveis. É necessário que se facilite ao homem tudo o que precisar para viver uma vida verdadeiramente humana, como alimento, vestido, moradia, direito à livre eleição de estado, educação, trabalho, boa fama, respeito, informação, protecção da vida privada etc.

## Tudo quanto atenta contra a vida viola a dignidade humana

Quanto atenta contra a vida, homicídios de qualquer classe, genocídios, aborto, eutanásia e o mesmo suicídio deliberado; quanto viola a integridade da pessoa humana, como as mutilações, as torturas morais ou físicas, as tentativas de dominar a mente alheia. As condições infra humanas de vida, as deportações, a escravidão, a prostituição, sobre tudo de jovens e crianças, certas condições trabalhistas. Tudo isto e outras mais degradam a civilização humana.

“Tomar conta” de toda a vida e da vida de todos

Como participantes na missão de Jesus, o apoio e a promoção da vida humana devem ser realizadas mediante o serviço da caridade que se manifesta no testemunho pessoal, na animação social, no voluntariado e no compromisso político.

Viver a vocação missionária significa viver de maneira intensa a “cultura da vida” frente à “cultura da morte”. Nós cristãos não somos viajantes sem mapa, estamos sempre bem orientados pela vida e o feitos de Jesus, pelo seu Projecto.

P. Ramón Cazallas

**“Vim para que todos tenham vida em abundância”.**  
(Jo 10,10)

Este versículo do evangelho de João está enquadrado dentro do capítulo dez onde se fala do Bom Pastor e vem imediatamente depois da sentença de Jesus quando afirma: “O ladrão (mau pastor) não vem senão para roubar, matar e destruir, eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”.

Entrar e sair pela porta indica a normalidade de uma vida corrente, sem problemas nem sobressaltos, em segurança e liberdade. Ele considera-se Pastor da vida. A palavra vida vai estar muito vinculada a Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida (14,6). Ele é a vida, o pão vivo (6,35) que dá vida ao mundo (6,51), a água viva (7,37-39), a luz da vida (8,12).

Na Bíblia passamos do Deus da vida, a Jesus que é a vida. Nele encontramos o sentido pleno da vida, qualquer ser humano, crente ou não, pode encontrar o modelo perfeito do ser humano pleno, na liberdade e na justiça, no amor e na paz, na doação e no abrir sempre caminhos novos.

A vida é sagrada e deve ser protegida e assegurada. Todas as instituições e governos deveriam criar mecanismos que acabassem com as mortes, os raptos, a fome. Devemos trabalhar para que desapareça da terra a “cultura da morte” tão comum na nossa sociedade. Uma das experiências mais fortes das culturas da pobreza é a da não existência.

Nós cristãos, à luz e força da nossa fé, alicerçados em Jesus que é vida para todos devemos testemunhar e lutar para que:

farçada na resignação de pessoas simples habituadas ao sacrifício”. Falando no início da assembleia da Conferência Episcopal Portuguesa, que actualmente preside, o arcebispo referiu-se à situação social do país. “A atenção à família determina o conteúdo das prioridades a considerar pelas instâncias governativas”, começou por afirmar. E logo a seguir: “O desemprego cresce e as empresas lutam com dificuldades ou já encararam a realidade da falência. A carência de bens essenciais entrou em muitas casas.”

Depois de referir que “há fome”, o arcebispo acrescentou que “a vergonha encobre muita miséria”. E as estatísticas “lançam alertas que os poderes deveriam ouvir para discernir caminhos que ofereçam aos pobres uma vida digna”. D. Jorge Ortiga ainda considera que esta é “a prioridades das prioridades”. Estes números e constatações devem fazer pensar à comunidade católica para que a própria fé não seja só de palavras mas se desdobre em obras.

**“A fome é o que há de mais assassino no Mundo.”**  
(Gandhi)

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. (FAO) e o Programa Mundial de Alimentos (PAM) publicaram um relatório sobre a fome no mundo.

São devastadores os efeitos da crise económica sobre as populações carentes. Mais de 1 bilião de pessoas passa fome no mundo, um aumento de 9% em relação ao ano passado, atingindo o nível mais elevado desde 1970.

O direito à alimentação tem sido reclamado já desde o ano 1948 na Declaração Universal dos Direitos Humanos; posteriormente outros organismos internacionais foram proclamando este direito humano e ao mesmo tempo proporcionando as cifras das pessoas que morrem de fome.

Vejamos algumas cifras que nos mostram a situação de como a fome é a arma mais assassina que existe na humanidade:

A cada 3,6 segundos, uma pessoa morre de fome. Por dia, são vinte e quatro mil. 75 por cento são crianças menores de cinco anos. E, todavia, o mundo produz mais alimentos de quanto seria necessário para sustentar todos os moradores do planeta. Mesmo assim, há mil milhões de famintos.

Os pobres são as primeiras vítimas da subnutrição e da fome no mundo. Ser pobre significa quase sempre ser mais facilmente provado pelos inumeráveis perigos que ameaçam a sobrevivência e ter menor resistência às enfermidades físicas. Desde os anos 80, este fenómeno agrava-se e ameaça um número crescente de pessoas na

seus bens e restitui o que havia roubado. Converte-se num publicano bom. A sua profissão não o distancia de Jesus. Zaqueu encontra uma nova humanidade que pode e deve encontrar concórdia e amor por uns gestos que são, ao mesmo tempo, íntimos e externos, corporais e sociais.

Em Zaqueu vemos que “o impossível para os homens é possível para Deus”. Isto dá esperança aos os ricos que não tem entranhas de misericórdia: para eles, como para Zaqueu, também existe a misericórdia de Deus e a possibilidade de refazer o caminho.

“De novo o Evangelho nos diz que o amor, partindo do coração de Deus e agindo através do coração do homem, é a força que renova o mundo” (Bento XVI).

Mas não gostaria que o escrito até agora se limitasse só a um conceito intimista e espiritual. Acho que temos que socializar o “vou dar a metade dos meus bens aos pobres”. Há muitas organizações, de crentes ou não, civis ou religiosas que deveriam ler este evangelho. Enumero algumas:

- as multinacionais presentes nos países pobres onde ainda se morre de fome; , quantas matérias primas e quanto dinheiro levam para os países de procedência!;
- alguns sistemas económicos selvagens que nesta crise económica estão injectando dinheiro nos Bancos e não em projectos em favor dos pobres;
- as corrupções económicas em sistemas políticos e em partidos que abraçaram a politica só para enriquecer sempre os os mesmos; etc.

Precisamos hoje de muitos “Zaqueus” que sejam capazes de abrir o coração para a partilha e não só para a partilha generosa do que sobra mas também os bolsos para devolver tudo aquilo de que injustamente se apropriaram dos bens dos outros.

**Vou dar metade dos meus bens aos pobres.**

(Zaqueu a Jesus, Lc 19,1-10)

Jesus passa por Jericó a caminho de Jerusalém. Encontra um homem rico de nome Zaqueu. É um chefe de cobradores de impostos, rico. Para o povo este tipo de pessoas eram pecadores públicos, todos sabiam que cobravam demais, especialmente aos pobres. Tal era a sua fama que quando Jesus entrou na casa dele o povo comentou: que “tinha ido hospedar-se em casa de um pecador”. Para o costume judaico, comunicar com pecadores implicava impureza legal.

Muito temos falado dos ricos em relação com os pobres. Até Lucas, pouco antes do seu encontro com Zaqueu, narra que Jesus encontrou um chefe que, perante as suas propostas de abandonar tudo e entrar no caminho do seguimento, “entristeceu-se, pois era muito rico”. Então Jesus exclamou: “Como é difícil para os que têm riquezas entrar no Reino de Deus” (cf. Lc 18, 18-27).

Mas Jesus não exclui ninguém do caminho da salvação. Ele veio procurar e salvar o que estava perdido.

O caso de Zaqueu é diferente do caso do chefe rico de que falámos antes. Ele procura algo na sua vida. É um homem dinâmico, entusiasmado por ver quem era Jesus e disponível para mudar. Ele corre para ver Jesus e quer vê-lo de perto. O olhar dos dois cruzaram-se. A graça de daquele encontro imprevisível mudou completamente a vida de Zaqueu: “Vou dar metade dos meus bens aos pobres e, se defraudei alguém em qualquer coisa, vou restituir-lhe quatro vezes mais”. Neste encontro, chega a salvação para Zaqueu porque Jesus é o Salvador. A sua busca foi frutífera, pleno de entusiasmo dá a metade dos

maioria dos países. No seio duma população pobre, as primeiras vítimas são sempre os indivíduos mais frágeis: crianças, mulheres grávidas ou em período de amamentação, enfermos e pessoas idosas. Há que referir ainda outros grupos humanos em alto risco de deficiência nutricional: as pessoas refugiadas ou deslocadas e as vítimas de vicissitudes políticas.

Os conflitos regionais ceifaram cerca de 17 milhões de vidas em menos de meio século. «Nos anos 80, o total mundial das despesas militares atingiu um nível sem precedentes em tempos de paz; avaliadas em um trilião [mil biliões] de dólares [por ano], representam cerca de cinco por cento do total dos rendimentos mundiais» (45).

É necessário recordar a importância e a urgência que todos os responsáveis políticos e económicos têm de agir de maneira que estas enormes quantias destinadas à morte, tanto no hemisfério Norte como no hemisfério Sul, passem a sê-lo em prol da vida. Tal atitude corresponderia às motivações morais favoráveis a um desarmamento progressivo; dar-se-ia, assim, a ocasião para tornar disponíveis importantes recursos financeiros a favor dos países em vias de desenvolvimento, indispensáveis para o seu progresso autêntico.

Fazemos nosso o apelo do profeta Isaías ao amor de Deus e do próximo, a “converter as suas espadas em enxadas e as suas lanças em foices” (cf. Is 2,4). Os Bispos africanos no último Sínodo celebrado em Roma propõem “que a criação e produção de todos os tipos de armas sejam drasticamente reduzidas em benefício da educação e de um desenvolvimento agrícola que respeite o meio ambiente”.

As armas nucleares, biológicas, minas anti pessoais e todo

8 o tipo de armas de destruição em massa produzem menos mortes que a fome. Peguem numa caneta, contem os que morrem de fome e temos muitos mais mortes do que as produzidas por tantas armas em todos estes anos.

Tão perto e tão longe, assim é a fome. Temos famintos nos bairros das nossas grandes cidades e sobretudo, no continente Africano, Asiático e nas periferias das grandes cidades de América Latina. Abramos os olhos perante esta grande realidade da qual todos somos responsáveis e pela qual todos devemos lutar para que tanto dinheiro em armas se possa converter em dinheiro que evite a morte de tantos pobres devido à fome.

Neste mês celebramos a festa do Beato José Allamano, pai e mestre de missionários e missionárias. Foi um homem de paz, instrumento de Deus para promover a vida dos povos pobres da África através do anúncio do evangelho e da promoção humana e cultural. As armas que entregou aos seus missionários foram o crucifixo, o amor ao povo e o zelo missionário.

Falando um dia sobre este argumento com um missionário experimentado ele disse-me: "Você deve observar todos os anos o que está no seu guarda-roupa. Quando vir que não usou algum vestido durante um ano, é porque é supérfluo e pertence a outra pessoa que não tem". Boa experiência de vida que deveríamos ter presente todos os anos.

Neste mês celebramos o mês missionário. É um tempo oportuno para nos examinarmos sobre todas as coisas e bens que acumulamos. E temos tantos pobres longe e perto aos quais talvez pertencem tantas coisas que, com o passar dos anos, acumulamos.

em si mesmas iniquidade, porque tu as tens e o próximo não". "As coisas supérfluas dos ricos são as necessárias aos pobres. Se se possuem bens alheios ou quando se possuem bens supérfluos".

Para os Santos Padres tudo o que sobra ao rico pertence na realidade ao pobre.

**São Basílio:** "Quando alguém rouba os vestidos dum homem dizemos que é um ladrão. Não devemos dar o mesmo nome a quem, podendo vestir o nu não o faz? O pão que há na tua despensa pertence ao faminto; o casaco pendurado, sem uso, no teu guarda-roupa pertence a quem tem necessidade; os sapatos que se estão estragando no teu armário pertencem ao descalço; o dinheiro que tu acumulas pertence aos pobres".

**Santo Ambrósio:** Quem enviou sem ouro os apóstolos, fundou a Igreja sem ouro. A Igreja não possui ouro para tê-lo guardado, mas para distribuí-lo e socorrer os necessitados... Não seria melhor que os sacerdotes fundissem o ouro para o sustento dos pobres, se não houver outros recursos?... Temes que falte ornamento do Templo de Deus? O Senhor te responderia: os sacramentos não precisam de ouro; o verdadeiro ornamento dos sacramentos é a redenção dos cativos."

Há alguns anos um organismo da Santa Sé enumerou os novos pecados dos quais nós cristãos nos deveríamos arrepender, entre eles estão o mau trato à natureza e a acumulação excessiva das riquezas. Será que os ricos sabem isto? Se por acaso não o sabem, deveríamos lembrar-lho para que façam um bom exame de consciência.

## MARÇO

### Mulheres e crianças são as maiores vítimas da pobreza.

A fome tem rosto "feminino" e de "criança".

As mulheres, com os seus múltiplos talentos e recursos, prestam um enorme contributo à família, à sociedade e à Igreja. No entanto, não só a sua dignidade e contributo não foram ainda completamente reconhecidos e apreciados, mas também são frequentemente privadas dos seus direitos. Apesar do grande progresso feito na educação e desenvolvimento da mulher, nos países pobres, o desenvolvimento das raparigas e das mulheres é geralmente desproporcionado em relação ao dos rapazes e dos homens; as raparigas e as mulheres são em geral, tratadas injustamente.

No Sínodo da Igreja em África, os Padres sinodais condenam todos os actos de violência contra as mulheres, por exemplo, o maltratamento da esposa, a negação às filhas do direito à herança, a opressão das viúvas em nome de tradição, os casamentos forçados, a excisão, o tráfico de mulheres e tantos outros abusos, tais como a escravidão sexual e o turismo sexual. Todos os outros actos desumanos e injustos contra a mulher são igualmente condenados.

Os Padres sinodais propõem:

- a formação humana integral das meninas e das mulheres (intelectual, profissional, moral, espiritual, teológica, etc.);
- a criação de "casas de abrigo" para as meninas abusadas e mulheres que buscam um refúgio e desejam ser aconselhadas pastoralmente ("counselling");

- uma estreita colaboração entre as Conferências episcopais em ordem a parar com o tráfico das mulheres;
- a constituição de comissões a nível diocesano e nacional para tratar dos assuntos das mulheres e para as ajudar a levar melhor a cabo a sua missão e na Igreja.

### As crianças

Infelizmente, a fome tem também rosto de “criança”. Podemos dizer que são a primeiras vítimas das injustiças, da má distribuição dos bens e das riquezas de mundo. Concretamente, os rostos mais familiares de crianças famintas são: as crianças “não nascidas” (“abortos”), os órfãos, as crianças de rua, as crianças abandonadas, as crianças-soldado, as crianças presas, as crianças sujeitas ao trabalho infantil, as crianças deficientes (física e mentalmente), as crianças vendidas como escravos sexuais, as crianças traumatizadas e sem qualquer orientação cristã nem enquadramento humano.

Os Padres sinodais convidam as Igrejas locais a dedicarem, no quadro da “Pastoral da criança”, uma atenção especial a estas crianças em situação de grande vulnerabilidade e que nas escolas católicas recebam a Palavra de Deus, apoio psicológico, a cultura da justiça e da paz, e aprendam uma profissão de modo que possam vir a ser membros bons e saudáveis da sociedade. As crianças, que são um dom de Deus à Humanidade, devem merecer um cuidado particular por parte da família, da Igreja, da sociedade e dos governos. As crianças são as portadoras da novidade de vida: elas são apóstolos nos seus meios e a esperança das suas famílias, bem como da sociedade e da Igreja.

## OUTUBRO

**Quem acumula riquezas só para si comete um crime.**  
(São Basílio)

Esta sentença de São Basílio está na mais pura tradição da teologia e espiritualidade do Padres da Igreja. Eles mesmo seguem na linha dos ensinamentos e prática de Jesus e das primeiras comunidades cristãs.

Jesus, em diversos momentos, fala da acumulação das riquezas: “Não acumuleis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os corroem e os ladrões arrombam os muros a fim de os roubar. Acumulai tesouros no Céu...” (Mt 6,19-21). “...guardai-vos de a toda ganância, porque, mesmo que um homem viva na abundância, a sua vida não depende dos seus bens” (Lc 12,15).

As primeiras comunidades elevaram este ideal ao seu ponto mais alto: “Todos os crentes...possuíam tudo em comum...vendiam terras...e distribuíam o dinheiro por todos...(cf. Act 2, 42-46) e 4, 32-37). Um casal, Ananias e Safira, mentiram á comunidade escondendo parte do seu património e Pedro os castigou fortemente por terem mentido à comunidade.

Os Padres da Igreja falam claramente da acumulação dos bens porque quem acumula está pecando gravemente contra Deus e contra o próximo. Eles tiravam conclusões do que liam na Bíblia: se Deus quer que todos os seus filhos desfrutem dos bens da terra, as riquezas serão injustas enquanto coexistirem com a pobreza: prescindindo de como foram adquiridas. Vejamos alguns exemplos:

**Santo Agostinho:** Talvez as riquezas que adquiriste foram adquiridas mediante a iniquidade; ou talvez são

Jesus de procurar o pão que dá vida?

Dar de comer ao povo pode-nos comprometer nas seguintes actividades: trabalhar e colaborar na inclusão nestes quatro campos:

- no campo laboral: para que todos os desempregados e as suas famílias possam ter uma ocupação para viverem dignamente;
- no campo económico: trabalhando para erradicar a pobreza e colaborando para uma equitativa distribuição dos bens;
- no campo cultural: perante o fracasso escolar trabalhar para que a formação e educação apresente igualdade de oportunidades para todos;
- no campo da política: ajudar a passar da ausência de protecção à protecção pública.

Citei algumas áreas mas o campo é muito amplo. Cabe a cada comunidade enuclear a situação que vive o território ou a Paróquia para concretizar as acções mais consequentes com o povo que temos em frente: serão emigrantes, pessoas da periferia, menores de rua, portadores do vírus HIV, anciãos desamparados e um grande etc. que se pode multiplicar. Preocupar-nos pelos seus direitos sociais, assistência médica qualificada, protecção, etc. "é também dar-lhes de comer" como Jesus fez olhando para as multidões famintas.

Não podemos esquecer, como seguidores do Senhor, do Pão de vida, da Eucaristia que une, inclui e integra como irmãos todos os povos da terra, a vida do espírito para que a pessoa viva sem dualismos a sua existência. E lembremos que se nós não podemos multiplicar os pães, podemos pelo menos distribuí-los como fizeram os discípulos.

## ABRIL

### **Auxiliar quem precisa é um dever de todos nós.**

Este mês abre com os dias da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor. Contemplamos Jesus como aquele que se entregou por toda a humanidade, considerou, quase como dever, vir ao encontro da humanidade para que todos tenham vida e vida em abundância. Contemplando o morto-ressuscitado animamo-nos a ver o modelo daquele que se entrega na gratuidade ao serviço do próximo até à morte e morte na Cruz. Mas Ele ressuscitará para que os seus discípulos e discípulas possam continuar servindo, não só como um dever, mas como uma vocação.

O encontro com o mundo do pobre faminto pode dar vida o pode destruir. Leva-nos a uma terra onde se sofrem os golpes mais fortes da opressão e da injustiça, mas ao mesmo tempo, se encontram as forças mais surpreendentes da vida. A aproximação ao pobre pode marcar e sentenciar a qualidade duma pessoa, duma instituição.

### **Porque é que "auxiliar quem precisa é um dever de todos nós"?**

As raízes profundas deste dever é que todas as pessoas somos iguais por natureza. Quando Deus criou o homem e a mulher confiou a eles toda a obra da criação com o mandato de crescer e multiplicar-se. Deus criou um mundo sem cercas, sem barreiras e sem fronteiras. Foi a cobiça e o egoísmo que foram criando separações para distinguir o "meu" do "teu".

As comunidades cristãs entenderam muito bem tudo isto quando se reuniam e partilhavam não só o pão da Palavra e da Eucaristia mas também os bens materiais de ma-

neira que "...entre eles não havia ninguém necessitado, pois todos os que possuíam terras ou casas vendiam-nas, traziam o produto da venda, e depositavam-no aos pés dos Apóstolos. Distribuía-se, então, a cada um conforme a necessidade que tivesse" (At 4, 34-35).

A preocupação pelos pobres, enfermos e abandonados tem um lugar preferencial tanto na vida de Jesus como nas primeiras comunidades cristãs.

Neste estilo de vida e de missão ecoavam, sem dúvida, as palavras de Jesus que Mateus nos deixou no capítulo 25 do seu Evangelho:

"Tive fome e deste-me de comer,  
tive sede e deste-me de beber,  
era peregrino e acolheste-me,  
estava nu e deste-me de vestir,  
adoeci e visitaste-me,  
estive na prisão e foste ter comigo.  
Sempre que fizeste isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizeste."  
(Mt 25, 35-36, 40)

Em Mateus citam-se, como discriminatórias no momento definitivo do juízo, as obras de misericórdia, que pedem despojamento em favor de todos aqueles que precisam.

No evangelho de Lucas é louvado também a atitude do Bom Samaritano, um que é considerado "pagão", pela sua compaixão e ajuda a um desconhecido ferido no caminho, enquanto que dois especialistas do culto passam ao longe.

Ajudar quem precisa não é importante pela quantidade que podemos doar, mas por aquilo que representa como dom de si mesmo.

## SETEMBRO

**Dai de comer a esta multidão que me escuta.**  
(Jesus aos Apóstolos)

Os quatro evangelistas narram-nos a multiplicação dos pães por Jesus perante as multidões que o seguiam. Alguns deles sublinham a compaixão de Jesus como fonte e origem da preocupação por todas essas pessoas que vão pelo mundo como ovelhas sem pastor. Ninguém cuida delas, não têm pastores que as sirvam, pelo contrário são os próprios pastores que se servem delas para os interesses pessoais.

Mateus, Marcos e Lucas contam que os discípulos pedem a Jesus de mandar embora a multidão para ir às aldeias e povoados a comprar alimentos. A resposta de Jesus é unânime nos três evangelhos: "Dai-lhes vos mesmos de comer".

Alguns interpretam que Jesus convida seus discípulos a partilhar dos próprios alimentos que eles têm como comunidade. Jesus serve-se dos seus discípulos para fazer chegar o pão ao povo. Aparecem assim como servidores: "Dai-lhes vós mesmos de comer" disse Jesus. Eles pretendiam deixar o povo entregue a si mesmo. Que longe estavam do pensamento e das atitudes de Jesus!

Ele veio para salvar o homem, todo o homem, alma e corpo. E dá respostas concretas para que a pessoa concreta dê pão material para que a pessoa cresça na vida e pão espiritual (a Eucaristia, a Palavra) para que cresça no espírito.

Como nos cristãos podemos continuar nesta atitude de

visitá-las. E assim passavam horas e dias. Bem cuidadas e assistidas com as últimas técnicas de geriatria mas isto não enchia o coração das pessoas. Mas sentiam-se muito pobres porque faltava amor.

### “Não só de pão vive o homem”

Talvez, no passado, nas casas de beneficência se falava demasiado de Deus ou se obrigava a certas práticas religiosas. São João Crisóstomo expôs claramente a atitude cristã sobre este tema: “É suficiente a necessidade para que o pobre seja digno! Não damos esmola ao bom comportamento, mas ao homem. Não nos compadecemos da virtude, mas da desgraça. E isso para que também nós alcancemos de Deus abundante misericórdia, nós que somos tão indignos da sua benignidade”. A reacção actual passou agora a outro extremo, até por parte de alguns cristãos. Muitos deles, comprometidos em acções de tipo assistencial, guardam hoje um absoluto silêncio sobre Deus. Parece que temos esquecido que “não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4; cf. Dt 8,3).

A orientação do Papa Bento XVI é bem clara: “Sempre está em jogo todo o homem. Com frequência, a raiz mais profunda do sofrimento é mesmo a ausência de Deus” (Deus é amor 31,d), e não devemos oferecer “só ajuda material, mas também sossego e cuidado da alma”. “O cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor. Sabe que Deus é amor (cf. 1Jo 4,8) e torna-Se presente precisamente nos momentos em que nada mais se faz a não ser amar” (Deus é amor, 3,c).

O pobre, precisa de amor, de se sentir querido e aceite como ele é. Esta, as vezes, é a maior ajuda que podemos prestar. Assim nos ensinam muitos homens e mulheres que doaram a própria vida pelos pobres e excluídos.

## MAIO

### Combater a pobreza é o melhor caminho para a paz.

A paz é, em primeiro lugar, um dom de Deus e só depois fruto dos nossos esforços. É por isso que a paz deve começar no coração do homem como uma graça que lhe é concedida (cf. Jo 14,1). “Dou-vos a minha paz”, disse Jesus (Jo 14,27). Sendo a paz um bem universal e dependendo do respeito pelos direitos humanos e de toda a criação, devemos pôr todas as nossas forças ao seu serviço.

Nos tempos que vivemos poderíamos dizer que a mundialização da fome aparece como uma realidade vinculada não só à pobreza mas também a outros factores, como as guerras, os conflitos sociais, a dívida externa, a concentração das terras nas mãos de poucos, as prolongadas secas em determinadas regiões da terra e as catástrofes naturais.

A vontade de Deus é erradicar a pobreza porque ela é geradora de violência.

Os Bispos de África advogam a favor de uma economia ao serviço dos pobres e denunciam fortemente a ordem económica injusta que levou à perpetuação da pobreza.

A paz não é pura ausência de guerra mas fruto do amor e da justiça. “As armas do fraudulento são desleais, maquina desígnios criminosos para prejudicar os pobres com mentiras, e o desvalido que reclama pelos seus direitos” (Is 32,7).

Combater a pobreza significa colocar-nos na estrada da justiça, nos caminhos dos direitos humanos e em comunhão e parceria com todas aquelas forças, cristãs ou não, que fazem destes valores estandartes das suas vidas. A

14 Igreja, nos países pobres, renove o seu compromisso ao serviço dos pobres, dos órfãos e dos marginalizados imitando a igreja dos primeiros séculos, colabore com os organismos que trabalham em favor dos pobres a nível internacional e regional.

Combater a pobreza é preparar a paz. Mas há muitas pessoas, organizações e governos que estão interessados em que existam pobres e que as guerras continuem. Como viveriam senão, aqueles que tem e sustentam fábricas de armas como parte das suas economias?

Como fariam aqueles que vivem tranquilamente nos países do primeiro mundo com interesses nas riquezas do terceiro mundo? Tudo isto produz raiva em muitos pobres quando vêem que muitos dos seus compatriotas são agentes de exploração para os seus mesmos irmãos de raça, língua e nação. A paz será sempre uma utopia até que não desapareçam as desigualdades entre países e pessoas, até que não se procure um desenvolvimento sustentável. A paz na terra não se poderá conseguir até que não seja assegurado o bem de todas as pessoas e a comunicação espontânea entre os homens das suas riquezas de ordem intelectual e espiritual.

Estamos celebrando o mês de Maio, mês dedicado a nossa Senhora, nós invocamo-La como Rainha da Paz mas também como Mãe dos Pobres: que como Mãe dos Pobres nos traga a paz porque, tanto na guerra como na fome, sempre saem perdendo os pobres.

## AGOSTO

**“A ausência do amor é a maior de todas as pobrezaas”** (Madre Teresa de Calcutá)

Esta frase de Madre Teresa de Calcutá, não é uma frase bonita, dessas que colocamos num lugar de destaque para chamar a atenção. A frase é toda um programa da sua vida. Ela é um símbolo da caridade no século XX, ainda mais, é um ícone que deve ser contemplado por cristãos e não cristãos.

Ela desceu aos porões de Calcutá e outros lugares do mundo para recolher o que a sociedade descartava. Meninos e meninas abandonados nas calçadas das grandes cidades, anciãos “inúteis” deixados nos lixos e moribundos ou bebês deixados nas ruas. Ela recolhia todas estas pessoas e levava-as para as casas que ia abrindo pelo mundo: assistia-as quando podia, materialmente, com alimentos, cama e com muito amor. O que mais atrai da obra de Madre Teresa, além de todos os centros assistenciais que abriu pelo mundo fora era o carinho, o amor com que tratava as pessoas. Tenho visto pessoas impressionadas ao ver fotografias da Madre Teresa e suas irmãs com certas pessoas ao colo, abraçando e beijando certos pobres ou doentes que nem pareciam pessoas.

Podemos entender que ela afirme que a ausência do amor é a maior de todas as pobrezaas. E acontece também nas nossas cidades da Europa cristã. Temos avançado em muitas políticas sociais, as sociedades do bem-estar trouxeram conforto com estruturas e iniciativas de lazer para certas classes de pessoas. Mas às vezes encontramos algumas estruturas e iniciativas onde falta a alma. E essa alma é o AMOR.

Quantas vezes contemplei em residências de anciãos, com todas as comodidades deste mundo, as pessoas estarem horas e horas do dia esperando que algum familiar venha

tamente nada mais nas páginas da Escritura e só ouvíssemos da boca do Espírito de Deus que Deus é amor, nada mais deveríamos procurar”.

Jesus pediu-nos de nos amar-nos uns aos outros como Ele nos amou (Jo, 13,34) e entre os seus seguidores sempre deve haver um lugar de honra para os que mais precisarem. Gostei sempre do que escreveu o prémio Nobel de Literatura Heinrich Böll: “Até o pior dos mundos cristãos eu preferiria ao melhor dos mundos pagãos, por que num mundo cristão fica sempre um lugar para os que não o tem no pagão: para os inválidos e enfermos, para os anciãos e desvalidos. E porque há mais do que um lugar: há amor para aqueles que resultam inúteis num mundo pagão e para os ateus”.

A caridade miúda, chamada de assistencialismo, é também fruto do amor. É verdade que temos “que ensinar a pescar”, mas se à minha porta tenho um filho de Deus que há uma semana não comeu nada tenho que lhe dar um peixe para saciar o seu estômago vazio.

A caridade põe ternura à justiça que as vezes não vê as pequenas coisas, faz regras gerais e não vê as particularidades. Não gosto muito do símbolo que representa a justiça: uma mulher com os olhos cobertos e uma balança na mão. Não gosto porque a justiça deve ter os olhos bem abertos para ver todas as realidades, como o amor cristão que vai à procura dos pequenos, e a báscula, por desgraça, não tem as mesmas medidas que a paixão de Deus tem pelo homem, especialmente os excluídos e os afastados pelas leis dos sistemas económicos e sociais.

O amor, sim, cobre a multidão dos pecados acolhendo a todos aqueles que não encontram, como Jesus, lugar para eles na hospedaria (cf. Lc 6 ss.).

## JUNHO

**Quem dá do que lhe dão é amigo do coração.**  
(Adágio popular)

Este adágio popular lembra-nos aquela sentença de Jesus quando diz: “recebestes de graça, dai de graça aos outros”. Quem recebe e é capaz de partilhar com outros vive a gratuidade na vida, e portanto nos bens.

Às vezes identificamos o “dar” só com as coisas materiais: dinheiro, roupa, comida. Fazem parte, sem dúvida, da caridade cristã. O coração do outro não se conquista com bens materiais. Existem outros bens que penetram no coração e que dificilmente sabemos doar: o carinho, aceitar a pessoa como ela é, o calor do acolhimento.

O pobre precisa de pão, sim, mais um pão acompanhado de um sorriso. O pobre precisa, muitas vezes, mais de alguns minutos da nossa vida do que duma esmola que nos tranquiliza; mais dum olhar compassivo e fraterno do que de tantas bonitas palavras.

“É dando que se recebe”, rezamos nós na oração de São Francisco. Quem dá recebe muito e ganha o coração das pessoas.

Deus foi o grande amigo da humanidade quando entregou o seu próprio Filho. E ganhou o coração de tantos milhões de homens e mulheres que devolveram amor por amor.

E a Igreja aprende continuamente, sem parar., que o encontro com Deus passa inexoravelmente pelos caminhos da pobreza.

### **Todos estão pelos pobres:**

Os governantes fazem leis, a Igreja escreve bonitos documentos mas normalmente não chegam ao coração dos pobres. Os Padres da Igreja sabiam que “legal” não sempre equivale a “justo”: essas são “as leis dos poderosos, não as do Criador”, dizia São Gregório Nazianceno. Em termos parecidos se expressaram São João Crisóstomo, Santo Ambrósio e Santo Agostinho”. São Bernardo, por seu lado, denunciava fortemente: “Continuamente se citam leis nos vossos palácios, mas estas são as de Justiniano, não as do Senhor”.

### **Muitos com os pobres:**

Vivemos num mundo onde a maioria são pobres excluídos, a Igreja latino-americana fez a opção preferencial pelos pobres e o Papa João XXIII quis que a Igreja fosse chamada “Igreja dos pobres” mas isto não passou para ser aprovado. Paulo VI levantou a sua voz pelos pobres até ao ponto de fazer um leilão da sua tiara (símbolo dos três poderes) em favor dos pobres.

### **Alguns como os pobres:**

Na História da Igreja tivemos homens e mulheres que, seguindo Jesus, quiseram viver como pobres: morando com eles, no meio deles, padecendo as injustiças. Foram testemunhos com suas vidas mais do que com as suas palavras. Imitaram a Jesus que nasceu pobre, viveu pobre e morreu paupérrimo. A Igreja precisa também destas testemunhas para entrar no coração dos pobres.

No mês de Junho celebramos a festa de Nossa Mãe Consoladora, ela recebeu a Consolação de Deus de graça, como um dom, e deu ao mundo a verdadeira consolação que é Jesus. Maria consoladora que se faz consoladora para todos os povos.

## **JULHO**

### **A caridade cobre uma multidão de pecados.**

(1Pe 4,8)

O trecho que comentamos é da primeira carta de São Pedro e faz parte de uma exortação do Apóstolo às comunidades que se encontram em dificuldade. Nos momentos difíceis é normal, antes como agora, pensar nas coisas que não fizemos bem, nas nossas limitações e, às vezes, nos nossos pecados que contribuíram para que a situação se tornasse negativa.

Pedro teve uma experiência negativa em relação ao seguimento de Jesus. Três vezes O negou e isto deixou-o como que deprimido. Recuperou quando abertamente, por três vezes também, confessou o seu amor a Jesus. O seu amor para com o Mestre cobriu as três negações.

A caridade está fundamentada no amor e é expressão concreta dele. Às vezes pode-se contrapor com a justiça. Escutamos que, aqui e acolá há menos caridade e mais justiça. As duas caminham juntas. O cristão deve lutar por uma sociedade mais justa onde todas as pessoas tenham igualdade de oportunidades em todos os sectores da vida social e, ao mesmo tempo, deve dar um pouco de pão àquele que não tem nada para comer. No fundo, tenhamos presente o espírito e a letra do “estive na prisão e me visitaste ou tive fome e me deste de comer”. Como cristãos devemos afirmar que a justiça nasce da caridade e a caridade deve trabalhar incansavelmente pela justiça.

Podemos parafrasear o prólogo do evangelho de João dizendo que no “princípio era o amor” porque ele escreverá depois na sua primeira carta que “Deus é amor”. Santo Agostinho vai escrever: “Mesmo não se dissesse absolu-